

FATOS E NOTAS

FILOSOFIA DA BHAGAVAD-GITA.

JORGE BERTOLASO STELLA

A Bhagavad-Gita é um poema notável. É o Canto Divino. Pela sua beleza tem sido lido, estudado e meditado por filósofos, literatos, teólogos e místicos. Muitos estudiosos o tem decorado. É um resumo das idéias dos hindús que possuem a maior literatura do mundo. A *Bhagavad-Gita* é um capítulo do *Mahabharata*. Na opinião de alguns, é do século III a. C. e, segundo outros, é de um período não determinado mas compreendido entre o III século a.C. e o III século a.D. (1).

Arjuna, príncipe e soldado, é o herói do livro. Arjuna é um espírito nobre, elevado e sensível. Estes çloka dizem algo da sua pessoa —:

"Possuido de extrema compaixão, consternado disse: "Os meus membros desfalecem, a boca seca, o corpo treme e os pelos se eriçam, o gandiva cai da mão e a pele arde, não posso manter-me em pé e a minha mente vacila ... Não podemos matar os nossos parentes... e deixou cair o arco, com o espírito agitado pela dor..." 1: 28 — 30, 37, 47; 2: 1,7.

Arjuna está disposto a abandonar tudo, 1: 32: 28.

Ele não troca a sua consciência pelo mundo: "Não desejo mata-los, embora procurem matar-me, nem que fosse por causa do reino dos três mundos, como então pelo império da terra", 1: 35.

*

O PRINCÍPIO.

Segundo as Upanisad, o mundo era não existente, não havia nada ou tudo isto era Brahma, um só; ou o mundo não era outra coisa se não alma (atman), a alma somente era tudo isto (2).

(1). — Jorge Bertolaso Stella, *A Bhagavad-Gita*. São Paulo, 1967, p. 1-16.

(2). — G. Farrinder, *Le Upanishad, a Gita e a Bíblia*, p. 17.

No Rig-Veda, no celebre hino cosmogônico (3), se diz que tudo era trevas, caós profundo, vazio e sem forma. Não havia nem existência, nem não existência e assim o ser (sat) originou-se do não ser (*asat*). Ninguém pode dizer o certo sobre a origem da criação. Aquele que está no céu o sabe ou talvez nem ele sabe.

Na Bhagavad-Gita faz-se referência ao constante criar-se e o desenvolver-se do universo. O Senhor permeia o universo todo, cria os seres e sempre recebe-os em si mesmo no fim de cada ciclo (*kalpa*), envia-os de novo no fim daquele e assim o mundo rola sem parar. O canto 9:7 e 8, traz estas palavras:

"Todos os seres, ó filho de Kunti, ao término do ciclo, passam à natureza que é minha, de novo, quando começa o ciclo, eu os produzo. Fundado sobre a minha própria natureza, crio reiteradamente toda a multidão dos seres independentemente da sua vontade pela força da natureza".

Segundo a Bhagavad-Gita Deus "um-todo", o Supremo *purusha*, é a causa primeira de tudo quanto existe. Ele é contido, com uma parte do seu ser, em tudo 10:42. Ao mesmo tempo, porem reside muito em cima, a cima de tudo, como o Senhor pessoal do cosmo. Assim ele está ao mesmo tempo dentro e fora de cada ser, 13:16 e é portanto imanente e transcendente. Ele contem tudo, 11:18 e tudo circunda como uma coleira de pérolas, 7:7. Penetra em todos os seres, que tem nele suas raízes, 9:4 (4) .

*

DEUS.

No tocante a Deus: o panteísmo da Upanisad concretiza-se num Deus preciso, Krisna Vasudeva, o qual reúne em si os atributos de Brahman, mas encarna-se em forma humana para defender o *dharma* ou a justiça sem a qual a humanidade degenera em confusão e em caos. Naturalmente a posição panteísta e a teística não são ainda bem distintas: a relação entre Deus pessoal e a alma universal não está determinada e nem é a outra, entre o supremo princípio e a alma individual .

Ora Ele é o *atman* limitado pelos modos da prakriti, d'Ele imandado e na qual Ele deposita a semente da criação. Ora Ele está presente indiviso em todos.

(3). — Jorge Bertolaso Stella, *O hino cosmogônico do Rig Veda*. Revista *Letras*, Universidade do Paraná, rfi 17-1969.

(4). — H. von Glasenapp. *Filosofia da Índia*, p. 153.

"Indiviso e contudo ele existe como que dividido nos seres, precisa ser conhecido como sustentador dos seres, ele os destroi e os cria" 13: 16.

Ora diferenciando em muitos, ora absolutamente diferente de todos.

"Este mundo é permeado todo por mim de forma imperceptível, todos os seres estão em mim, mas eu não estou colocado neles. E nem em mim estão os seres, vê a minha magia de Supremo Senhor, sustentador dos seres sem estar nos seres, o meu eu é a causa do sustento dos seres", 9: 45.

Malgrado esta variedade e indecisões do pensamento inspeciona a personalidade do deus e companheiro do homem.

"Inclinando-me então e prostando o meu corpo diante de ti, Senhor adorável, eu peço a tua graça; passar, ó Deus, suportar-me como um pai ao filho, o amigo ao amigo, sê clemente", 11:44.

A Ele o devoto presta homenagem:

"Mesmo se alguém de má conduta me adora e não a outro, esse deve ser considerado um santo, porque ele resolveu retamente", 9: 30 e 9: 32-34.

Sem a graça divina, o homem encontrar-se-ia só e sem auxílio, náufrago no mar da existência:

"Praticando todos os atos, tomando refúgio em mim, ele chega por minha graça ao estado eterno e imperecível", 18: 56, 58.

Quando a libertação é chegada, a alma n'Ele refletida consegue a natureza idêntica à sua (sadharnamaya, 14:2); não uma nulação nele, mas uma união a ele devoto:

"Harmonizado assim constantemente, o seu eu, ó Yogin, que rejeitou o pecado, goza facilmente a infinita bemaventurança do contacto com Brahman", 6: 28.

Em época não bem clara Krishna Vasudeva da Bhagavad-Gita se identifica com Krisna o deus pastor que ocupa o lugar daquele; daí as relações do homem com ele se tornam mais intensas e a teoria da graça mais profundamente permeia a religião (5).

Nem todos divisam a Deus:

"Eu não sou conhecido de todos por estar envolto no yoga ilusório, este mundo louco não sabe que eu sou eterno, imperecível", 7: 25.

É um deus imparcial:

"Eu sou o mesmo para com todos os seres, ninguém me é odioso, nem querido, mas aqueles que me adoram com devoção estão em mim e eu também estou neles", 9:29. Ó filho de Partha, aqueles que se refugiam em mim, sejam de nascimento vil, mulheres vaiçayas também sudras, eles chegam à meta suprema", 9: 32.

O autor da Bhagavad-Gita, parece que não está enclinado ao panteísmo, o qual afirma que tudo é Deus, mas ao panenteísmo, pelo qual todas as causas tem sua sub-existência em Deus.

"Este mundo é permeado todo por mim de forma imperceptível, todos os seres estão em mim, mas eu não estou posto neles. Nem em mim estão todos os seres, vê a minha magia de Supremo Senhor sustentador dos seres sem estar nos seres, o meu eu é a causa do sustento dos seres", 9: 4,5; 9: 6.

"... Eu estou neste mundo todo, permeando-o com uma parcela de mim mesmo", 10: 42. "Um fragmento do meu ser torna-se alma vivente, eterna no mundo dos vivos"... 15:7. "O Senhor habita no coração de todos os seres, ó Arjuna, todos os seres como os viajadores de um carro, ele os conduz pela sua magia", 18: 61.

Pena é que os homens não se esforcem para o bem:

"Entre mil homens um se esforça para a perfeição, mesmo dos perfeitos que se esforçam um talvez me conheça segundo a realidade", 7: 3.

*

KRISNA.

O termo *atman* usado como alma ou eu, procede da raiz *an* "respirar", sopro da vida, alma do homem. O termo tem muitas acepções. Significa o ego ou a monada da vida, a alma imortal. É usado também para indicar a alma inferior ou animal e é igualmente um pronome re-

flexivo para indicar eu mesmo. É mister ter presente que atman e Brahman são usados como sinônimos um pelo outro e assim a alma universal é praticamente a alma individual. O macrocosmo é o mesmo que o microcosmo.

"No princípio o universo era Brahman",

mas também no princípio o universo era a alma (*atman*) na forma de pessoa. Além disso

"aquela grande alma, não nascida, imortal, sem mancha, é Brahman".

Quem conhece este torna-se Brahman sem mancha. Brahman estava no princípio e tornou-se tudo, quem o conhece como "Eu sou Brahman", torna-se tudo (6) .

Na Bhagavad-Gita aparece Krisna que foi uma divindade não aria e que significa "negro". Ele é um *avatar* (descida, encarnação) do védico deus Vishnu.

Ele é o senhor de todas as criaturas, porém emana de si mesmo no mundo através do poder da *maya*. Estes versos falam dele:

"Embora não sendo criado de essência imperecível. Senhor das criaturas, governador da minha própria natureza, renasço pelo meu próprio poder. Quando há enfraquecimento da justiça, ó filho de Bharata e desenvolvimento da injustiça, então eu crio a mim mesmo. Para a proteção dos bons, destruição dos malfeitores, estabelecimento da justiça, renasço de espaço em espaço", 4: 6-8.

Ele é o senhor (*Ishvara*) que habita no coração de todos os seres.

No çloka 27 do cap. 14, segundo Madhusudana, Brahma designa o Senhor pessoal e Krisna se identifica com Brahma absoluto, incondicional:

"Eu sou a base de Brahman, o imortal, o imperecível da lei eterna e da absoluta felicidade".

O poeta da Bhagavad-Gita utiliza-se da linguagem que satisfaz a um tempo quem concebe Deus como imanente e que o considera personificado e transcendente. Aliás a mente indiana não repugna esta

(6). — Farrinder, *Le Upanishad, La Gita e La Biblia*, p. 32.

conciliação entre a imanência e a transcendência. Descoberta a correspondência entre o homem e o universo era natural que se sancionasse assim: os olhos que são para o homem aquilo que para o universo é o sol se integram e realizam na luz do sol, o sopro que para o homem é aquilo que para o universo é o vento se integra e se realiza mediante o ar externo, tudo o que há no homem se integra e se realiza em alguma cousa do mundo exterior: a personalidade, que é o valor máximo no homem, não deveria ela tornar-se cósmica? O processo da imanência à personificação era natural e lógico. Esta clarividência cósmica se encontra na Bhagavad-Gita encarnada em Krisna, mas tal encarnação não impede que deus conserve características de imanência universal: a epifania descrita no cap. 11 proclama que Krisna é o cosmo (7). Existem certas semelhanças entre Chrisna e Cristo. 1º — ambos se encarnaram; 2º — ambos são redentores; 3º — ambas as mães permaneceram virgens; 4º ambos perseguidos; 5º — ambos escaparam do massacre; 6º — ambos pregaram a mesma moral; 7º — ambos operaram milagres; 8º — ambos mortos por vingança; 9º — ambos subiram ao céu após a sua missão (8).

*

A CRIATURA SEMPRE EXISTIU.

O indivíduo sempre existiu:

"Eu jamais deixei de existir, nem tu, nem estes príncipes dos homens e também não haverá momento em que nós todos deixamos de existir no futuro". 2: 12, 13, 20, 22.

Entretanto ele não conhece os seus nascimentos:

"muitos são os meus nascimentos passados e os teus, ó Arjuna, eu o conheço todos, tu não os conheces, ó destruidor dos inimigos". 4: 5.

Há dois caminhos: por um se vai de onde não se volta, por outro de onde se volta:

"Na verdade estas estradas do mundo, a luminosa e a escura, são consideradas eternas, por uma se vai de onde não se volta, por outra de onde se volta de novo", 8: 26.

(7). — C. Formichi: *Perche la Bhagavad-Gita é diventata il Vongelo dell'INDIA* in "India Pensiero e Aziane". Roma, 1944.

(8). — L. Jacolliot *Christna et Christ*. Paris, 1877.

Vindo a este mundo ele se aperfeiçoa por meio de vários renascimentos:

"Perseverando assim o yogin com assiduidade, purificado da culpa, purificando-se por meio de varios renascimentos, chega à meta suprema", 6: 45.

*

O CORPO.

O corpo humano é o aparelho mais perfeito da Natureza. O corpo é comparado a uma cidade com sete portas nas Upanisad. Na Bhagavad-Gita são nove assim: dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, a boca e as duas partes inferiores da iluminação. É também chamada a cidade de Brahma.

"Tendo abandonado todas as ações pela mente, tendo-se dominado, incorporado infelizmente nas nove portas da cidade, não age, nem faz agir," 5: 13.

O verdadeiro fim do homem, segundo a Bhagavad-Gita, é a devoção a Deus.

"Aquele que me serve com devoção se eleva acima dos três *guna* e se tornará Brahma", 14: 26.

O corpo tem valor como casa da mente sem vida anterior ao nascer numa família de yogins sábios,

"ou então nasce numa família de yogins sábios, porém um nascimento semelhante a este é muito difícil ser conseguido no mundo. Lá recebe aquela aquisição da mente que tinha no primeiro corpo e assim mais se esforça para a perfeição, ó joia do Kurus", 6: 42, 43.

*

IMORTALIDADE.

É imortal a alma. Este verso o afirma:

"Não nasce nem morre, nem tendo uma vez nascido jamais deixa de existir, incriado, perpétuo, eterno, este antigo não morre, morrendo o corpo", 2: 20.

Quando a alma conhece ela mesma como eterno espírito (*atman*), não limitado pelo nome e forma, então compreende a sua verdadeira natureza eterna.

Do trecho decorre a relação da alma imortal com os corpos nas quais residia:

"Como o homem abandona as vestes velhas e toma out as novas, assim a alma abandona os velhos corpos e reveste outros novos". 2: 22.

A idéia da transmigração ou renascimento em corpos diferentes (re-morte como às vezes era chamada) torna-se fundamental no induístno, Jainismo e Budismo. Parece provável que a transmigração foi um antigo credo do aborigine povo hindú, desconhecido aos invasores arianos (9).

O termo sânscrito *samsara* significa caminhar ou vagar junto ou através, passar por uma sucessão ou estados e daí nascimento, renascimento, transmigração, metempsicose. O termo aparece pela primeira vez nas Upanisad mais antigas e se refere à circulação universal de todas as criaturas e parece que os brahmanes no princípio ignoravam a sua acepção.

A Bhagavad-Gita dá muita importância aos retos pensamentos no momento da morte: qual o desejo do homem quando abandona o corpo, tal é a sua resolução. Damos exemplo:

"ou ainda se pensa em algum ser, quando no fim se abandona o co"po passa-se a este ser, ó filho de Kuati, sempre absorvido neste mesmo pensamento", 8: 6.

O pensamento significa o *samsara* e o homem torna-se aquilo que ele pensa. 8:5-7, 10-13, 14-16.

★

LIVRAMENTO — NIRVANA.

A Shvetashvatara-Upanisad afirma que Deus é a causa da transmigração e do livramento:

"Naquele Deus eu desejoso de libertação procuro refúgio"

(9). — Jorge Bertolaso Stella, História, da reencarnação. São Paulo, 1973.

Igualmente na Bhagavad-Gita aquele que conhece a Deus é livre de todos os pecados:

"Aquele que tem dentro de si a felicidade, que tem dentro de si o gozo, igualmente dentro de si a luz, este *yogin* chegou ao nirvâna Brahmânico, tornou-se Brahma, os videntes obtêm o nirvâna Brahmânico, purificados do pecado, tendo destruído a dualidade dominado a mente, gozam em fazer o bem a todas as criaturas, os ascetas chegam ao nirvana Brahmânico quando se livram do desejo e da cólera e dominam a mente, conhecendo o eu", 5: 24-26.

Outro termo usado para chegar ao termo final é cessação, separação, complemento ou tranquilidade (*nirvritti*) .

"Este na verdade é o caminho. Esta é a imortalidade. Esta é a união completa e paz (*nirvritti*).

A ele se prende o termo *nirvâna*. É comparado à chama que se apaga. Como o fogo se extingue porque não tem alimento, assim se apagam as chamas do desejo e a paz é chegada.

Na Bhagavad-Gita o *nirvâna* é analogo a Deus,

"assim o *yogin* com a mente calma, sempre harmonizado, chega à paz, ao nirvâna supremo, que tem a permanência em mim", 6: 15. "Aquele que tem dentro de si a felicidade, que tem dentro de si o gozo, igualmente dentro de si a luz, este *yogin* chegou ao nirvâna Brahmânico, tornou-se Brahma", 5: 24

A Bhagavad-Gita vai além do monismo e embora no primeiro capítulo fale em se tornar um com o Brahman (*brahmabhutam*) e da infinita bemaventurança no eterno Brahman, nos capítulos sucessivos é personificado. Ao manifestar-se a Arjuna, Krisna se revela maior do que Brahman, ser e não ser, Arjuna implora a graça e é consolado. No último capítulo da Bhagavad-Gita o *Yogin* tornou-se um com Brahman, porém em seguida, com a graça do Senhor e com a sua devoção, ele se une ao Senhor. Doutrina esta, nova e escrita, que não deve ser revelada aquele que não é devoto e revela que o último escopo da existência, segundo a Bhagavad-Gita, não é tornar-se Brahman, mas é a união com o Senhor, a visão beatífica.

KARMA.

O conceito de Karma é lógico e científico, é o resultado da observação de causa e efeito, bem como da ordem e do agir da lei no mundo. O termo Karma vem da raiz *Kri* fazer ou construir, ação, fato. Esta palavra tem uma larga repercussão nas religiões e na filosofia.

O Karma tem como consequência a transmigração e prende o homem a uma existência num corpo. Se o indivíduo se sente num nível de inferioridade deve às suas ações praticadas numa existência anterior, observa-se porem que a doutrina não é fatalista e pode-se melhorar o destino. O Karma se exaurirá e daí pode se acumular um bom Karma que os segue um melhor destino na fase de reencarnação sucessiva .

Na Bhagavad-Gita se ensina o caminho da fé e da devoção como o mais perfeito do yoga. A graça de Deus opera no homem para conduzi-lo ao refúgio eterno. O homem deve seguir todas as ações necessárias, porem conseguir o seu alvo refugiando-se no Senhor. As ações devem ser submissas a Deus:

"Praticando todos os atos, tomando refúgio em mim, ele chega por minha graça ao estado eterno imperecível", -8: 56.67

O *Karma-yoga* é um caminho importante, mas o melhor é o *bhakti-yoga* (10).

A Bhagavad-Gita apresenta a graça de Deus e a devoção de criatura como solução do problema de que deve realizar neste mundo.



AHIMSÄ.

Este termo não se encontra no Rig-Veda.

A palavra *ahimsä* origina-se da raiz *han* ferir, matar, causar dano. O desiderativo sincopado *dehan* é *him*, isto é, desejar de causar dano e finalmente mediante o privativo *ahismä*— ausência de desejar, de causar dano, não violência. A *ahimsä* era a doutrina especial dos jénistas, mas é considerada de alto valor e prática da não violência entre os hindús.

A Bhagavad-Gita fala dela como uma virtude do religioso:

(10). — G. Farrinder, *Le Upanishad, La Gita e La Bíblia*, p. 105.

"Não violência, verdade, ausência de colera, renúncia, paz, ausência de calúnia, compaixão pelos seres, ausência de ganância, doçura, modéstia, ausência de agitação", 16: 2.

TOLERÂNCIA.

A Bhagavad-Gita revela uma grande tolerância para com certos indivíduos:

"Aquele cujo conhecimento é ofuscado por este ou aquele desejo, se dirige a outras divindades, seguindo esta ou aquela regra, determinada pela sua própria natureza. Qualquer que seja o devoto procura adorar com fé, sou eu quem lhe inspira esta fé inabalável". 7: 20, 21.

O autor da Bhagavad-Gita colhe a luz de qualquer lado que ela venha. Ela tem direito de brilhar porque é luz.

"Quando aqueles que devotam a outras divindades oferecem sacrifício com fé, é ainda a mim, ó filho de Kunti, que oferecem um culto irregular", 9: 23.

Tambem este çloka.

"Eu sou o mesmo para com todos os seres, ninguém me é odioso, nem querido, mas aqueles que me adoram com devoção estão em mim e eu também estou neles", 9: 29.

E alarga mais com este:

"Mesmo se algum de má conduta me adora e não a outro, esse deve ser considerado um santo, porque ele resolveu retamente", 9: 30.

Por fim esta promessa:

"aqueles que se voltam para mim, também eu os aceito, ó filho de Partha, os homens seguem inteiramente o meu caminho", 4: 11.

YOGA.

O termo *Yoga* deriva da raiz sanscrita *Yuj* ligar, prender firme ou subjugar e dela a palavra latina *jugum*.

O termo yoga pode geralmente ser usado para indicar qualquer método ascético ou uma técnica de meditação e concentração e tem havido várias nas diferentes religiões e nos movimentos filosóficos.

Há um yoga clássico preso ao sistema filosófico Sâmkhya, porem há outras formas populares menos sistemáticas e algumas fora do induismo, no Budismo e no Jainismo. Existem também outros sistemas yogas populares e essencialmente mágicos e místicos, cujos adeptos procuram o *siddhi* (êxito, bom êxito, satisfação de um desejo qualquer): poderes sobrenaturais, telepatia, clara evidência, controle da respiração e da digestão, levitação, suspensão ao ar, esconjuras sepultar-se vivo, etc.. Os sistemas clássicos apontam essas práticas e as consideram ocupações de charlatões e para os que vivem em baixo nível espiritual. O yoga é pratica antiquíssima na Índia, como atesta a grande variedade dos seus sistemas. Uma descoberta da maior importância na escavação no vale do Indo foi o selo que trazia esculpida uma figura sentada em posição yoga. John Marshall assim a descreve:

"O Deus das três faces está sentado sobre um baixo trono indiano em uma típica atitude do yoga, com as pernas dobradas debaixo de corpo, calcanhar contra calcanhar e com os dedos voltados para baixo".

As práticas yogas eram pois conhecidas no tempo da civilização indiana 2.500-1.500 anos antes de Cristo.

No tocante aos Vedas observa-se que nos hinos de Rig-Veda não é claro o sistema yoga. O termo yogin já foi dito, só se encontra nas Upanisad mais recentes. No Rig-Veda (XI-36) ainda se usa a palavra *Keshin* — cabeludo. Encontra-se um asceta *muni* dos cabelos compridos, vestido de amarelo, que se eleva ao ar em cujo seio entram os deuses.

Há outras palavras antigas como *sanny-âsin* renunciador, *shramana* aquele que se empenha, *paravrâjaka* viandante, peregrino (11).

A Bhagavad-Gita faz sentir que Sâmkhya e Yoga são a mesma cousa:

"os ignorantes, não os sábios, falam do Sâmkhya e do Yoga como separados, ora aquele que se baseia em um obtem justa-

(11). — A. Schweitzer, *I grandi pensatori dell'Índia* p. 34 (1).

mente o fruto de ambos. Aquele que é obtido pelos seguido es de Sâmkhya é obtido também pelos seguidores do Yoga, aquele que vê que o Sâmkhya e o Yoga são um, esse vê", 5: 4. 5.

A Bhagavad-Gita é chamada "a escritura da Yoga" (*yoga-shastra*). Ela apresenta uma técnica simples e interessante.

"Que estabeleça um lugar puro a sede firme para si mesmo, nem muito alto, nem muito baixo, coberto de pano, de pele de Kuça, um sobre o outro. Fixando a mente num ponto, tendo dominado o pensamento, os sentidos, os atos, sentado num assento, pratica o yoga para a purificação de si mesmo. Firme, imóvel, mantendo na mesma posição o corpo, a cabeça, o pescoço, veja ele a ponta do próprio nariz sem olhar para outra direção. Muita calma, sem receio, constante no voto Brahmacari, tendo a mente controlada, unido a mim, absorvido em mim", 6: 11-14.

O yoga da devoção (*bhakti-yoga*) é considerado superior à meditação sobre o absoluto. Aqueles que tem a mente fixa em Deus são

"perfeitos na yoga" e devotos a Deus, 12: 2; 18: 65 (12)



BIBLIOGRAFIA.

- Jorge Bertolaso Stella, *História da Reencarnação*. São Paulo, 1973.
Jorge Bertolaso Stella, *Bhagavad-Gita*. São Paulo, 1967.
Jorge Bertolaso Stella, *Hino Cosmogônico do Rig-Veda*. Revista *Letras*. Universidade de Curitiba, Paraná. Nº 17, 1969.
G. Farrinder, *Le Upanishad. La Gita e La Bíblia*. Roma.
G. Tucci, *Storia della Filosofia Indiana*, 1957.
C. Formichi, *Perche la Bhavad-Gita é diventata il Vangelo dell'Índia*, in "Pensiero e Aziane". Roma, 1944.
L. Jacolliot, *Christna et Le Christ*. Paris, 1877.
A. Schweitzer, *I grandi pensatori dell'Índia*, Roma.
A Metzcer, *Origenes orientales du Christianisme*. Paris, 1906.
Mgr. Fr. Laouenan, *Du Brahmanisme avec Le Judaisme et Le Christianisme*, 1881-1885, 2 vol.
René Guénon, *L'uomo il suo secundo Il Vêdânta*. Torino.
G. S. Khair, *Suest for the original Gita Bamhay*.
J. Gonda, *Four Studies in the Language of the Veda*.

(12). — J. Farriender, *Le Upanishad. La Gita e la Bíblia* p. 76,